

# BILINGUISTO E MULTILINGUISTO EM TIMOR-LESTE: AQUISIÇÃO, INTERAÇÃO E ESTUDO DE CASO

Davi Borges de Albuquerque\*

**Resumo:** Este artigo analisa aspectos teóricos do bilinguismo e multilinguismo, aplicando-os a realidade de Timor Leste, país membro da CPLP. Assim, após uma breve introdução que apresentará a situação multilíngue atual leste-timorense, será discutido como ocorre o processo de aquisição do bilinguismo (2), como o falante leste-timorense se comporta linguisticamente diante das diversas situações sociais que envolvam a escolha e o uso das diferentes línguas (3). Para finalizar, será realizado um estudo de caso com um falante leste-timorense nativo, que reside no Brasil desde 2009 (4).

**Palavras-chave:** Bilinguismo. Multilinguismo. Aquisição linguística. Timor-Leste.

**Abstract:** This paper examines theoretical aspects of bilingualism and multilingualism, applying them to the reality of East Timor, a member of CPLP. After a brief introduction that will present the current multilingual situation of East Timor, it will be discussed how occurs the process of bilingual acquisition (2), the linguistic behavior of East Timorese speakers in social interactions that involves the choice and use of different languages (3). Finally, there will be a case study of an East Timorese native speaker, who has lived in Brazil since 2009 (4).

**Keywords:** Bilingualism. Multilingualism. Language acquisition. East Timor.

## Introdução<sup>1</sup>

A República Democrática de Timor-Leste, ou simplesmente Timor-Leste, é um país localizado no extremo sudeste asiático, possuindo fronteira física com a Indonésia e

---

\* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade de Brasília (UnB).  
E-mail: albuquerque00@hotmail.com

<sup>1</sup> Agradeço ao Sr. Domingos dos Santos, sua esposa Sra. Judite Ximenes e seus filhos, que além de estarem sempre dispostos a me ensinar de maneira entusiasmada suas línguas, o casal sempre recebeu a mim gentilmente e todo o tempo esteve disponível a responder os diversos questionários linguísticos e as entrevistas que submeti a eles.

próximo a Austrália e as ilhas do Pacífico. O país, com um pouco mais de 900.000 habitantes (NATIONAL BOARD OF STATISTICS, 2006), tornou-se independente em 1999, após uma invasão indonésia que se iniciou em 1975. A constituição de 2002 elevou ao status de línguas oficiais o português e o Tetun, e aceitou como línguas de trabalho o inglês e o indonésio.

Atualmente, o número de línguas nativas em Timor-Leste é um tanto controverso, há autores como Albuquerque (2010a) e Hull (2001) que afirmam que o número de línguas nativas leste-timorense é de 16, enquanto outros autores afirmam que este número é maior, chegando a 18 ou 19 línguas (LEWIS, 2009; FOX, 2000). As quatro línguas contempladas na constituição, a saber: português, Tetun, inglês e indonésio, possuem alguns fundamentos que justificam tais escolhas, conforme serão apontados a seguir. A língua portuguesa foi a língua de colonização, pois Timor-Leste (conhecido antigamente como *Timor Português*) foi colônia de Portugal até o ano de 1974, apresentando diversos traços culturais lusófonos no país. A língua Tetun, uma das línguas nativas leste-timorenses, apresenta uma de suas variedades, conhecida como Tetun Prasa, como língua franca entre os diversos grupos etnolinguísticos<sup>2</sup>. Já as línguas inglesa e indonésia foram incluídas pelo fato de a dominação indonésia (1975-1999) ter formado uma geração de cidadãos leste-timorenses na língua indonésia. Ainda, estes jovens, além da influência indonésia, tiveram o interesse despertado pela aprendizagem da língua inglesa, principalmente pelas vantagens econômicas oferecidas pela Austrália.

O que foi exposto anteriormente é apenas um breve panorama inicial do multilinguismo em Timor-Leste que apresenta: a influência de línguas indo-europeias, como o português e o inglês, com papel fundamental no cenário político e educacional do país; línguas austronésias, como o malaio e o Tetun, que além de terem conquistado um espaço na sociedade leste-timorense possuem um valor cultural para a formação da identidade desse povo; diversas outras línguas de diferentes filiações genéticas, que possuem funções sociais distintas, como o chinês, que é a língua de um grande número de imigrantes, e as línguas minoritárias nativas de Timor-Leste que são de origem austronésia e papuásica.

Este artigo é a primeira contribuição que procura analisar questões relativas ao bilinguismo e multilinguismo em Timor-Leste, já que este tema não foi contemplado em nenhuma pesquisa linguística sobre as línguas desse país até agora. Na atualidade, a preocupação dos linguistas é a descrição das línguas nativas leste-timorenses que até o presente momento possuem pouca, ou nenhuma, documentação e algumas correm sério risco de extinção, enquanto a maioria delas está ameaçada. As publicações que de alguma forma contemplaram o bilinguismo/multilinguismo em Timor-Leste foram aquelas que abordaram questões relativas à política linguística e à ecolinguística, conforme foi analisado em Albuquerque (2010b, p.31), essas contribuições pontuais foram as seguintes: Hajek (2000), Taylor-Leech (2005, 2006, 2008, 2009) e Wendel (2005).

---

<sup>2</sup> Conforme Fox (2000, p.21), o período que a variedade Tetun Prasa começou a funcionar como língua franca é de difícil identificação. Porém, autores como Thomaz (2002, p.72) identifica o período de início anterior ao século XVII e Albuquerque (2009, p.77) como anterior à chegada do colonizador europeu, provavelmente no século XV.

Como foi apresentado brevemente acima, apesar ser contemplados certos temas linguísticos, como política e planejamento linguístico, ecolinguística e ensino de línguas, os temas de bilinguismo e multilinguismo não foram especificamente analisados até os dias atuais.

Os dados do presente trabalho foram coletados *in loco* pelo autor, que residiu em Timor Leste durante os anos de 2008 e 2009 com a função de Professor Cooperante de língua portuguesa na UNTL (*Universidade Nacional Timor Lorosa'e*). Posteriormente, o estudo de caso, que será apresentado em (4), foi realizado no decorrer do ano de 2010 com a família de um falante leste-timorense nativo que reside no Brasil desde 2009.

Para analisar de maneira organizada os diferentes problemas que envolvem o bilinguismo/multilinguismo em Timor-Leste, o presente artigo encontra-se dividido da seguinte maneira: em (2), será discutido como ocorre o processo de aquisição do bilinguismo; em (3), será descrito o comportamento linguístico do falante leste-timorense diante das diversas situações sociais que envolvam a escolha e o uso das diferentes línguas que este domina; em (4), será realizado um estudo de caso com um falante leste-timorense nativo, que reside no Brasil desde 2009.

### **Aquisição do bilinguismo e do multilinguismo**

Antes de ser iniciada uma análise do bilinguismo/multilinguismo em Timor-Leste, assim como de falantes bilíngues e multilíngues, fez-se necessário identificar uma definição de bilinguismo que fosse adequada ao contexto multilíngue de Timor-Leste, e que estivesse de acordo também com nosso ponto de vista teórico. Conforme a análise de Dewaele (2007, p.103), o termo *bilinguismo* e todos relacionados a ele, como *bilíngue*, *multilinguismo*, *tornar-se bilíngue*, entre outros, é bastante ambíguo tanto entre os acadêmicos de diferentes áreas: linguistas, psicólogos e antropólogos, como também entre os acadêmicos e o público leigo. Ainda, segundo o linguista (DEWAELE, 2007, p.104), a ambiguidade em torno dos conceitos de bi- e multilinguismo, assim como possíveis visões pejorativas ou idealistas a respeito dos falantes bi- ou multilíngue, vem sendo modificada nos últimos anos.

Adotamos aqui a proposta de Dewaele (2007, p.105) para definir bilinguismo, que se baseia, por sua vez, em Cook (2002, 2003). Em Cook (2002, p. 3), a autora define o indivíduo bilíngue como aquele que de alguma forma conhece e usa uma L2, sendo um usuário de L2 comum (ing. *average L2 user*) que usa a língua nas interações sociais básicas do dia-a-dia (COOK, 2003, p.5). No contínuo de proficiência de Klein e Perdue (1997), esse indivíduo bilíngue está localizado no centro entre os falantes de L2 que utilizam a variedade básica (ing. *basic variety*) e os falantes de L2 que possuem fluência próxima aos falantes de L1. Ainda, Dewaele (2007, p.105) enfatiza que o usuário de L2 comum geralmente é aquele que adquire a língua-alvo quando está adulto.

A pesquisa sobre aquisição de bilinguismo e/ou multilinguismo envolve uma série de fatores linguísticos e sociolinguísticos que necessitam ser analisados, pois podem afetar o processo de aquisição e fluência das línguas adquiridas pelo falante bilíngue/multilíngue (PARADIS, 2007, p.15). Genesee, Paradis e Crago (2004) formularam duas variáveis que se mostram de importância fundamental para a análise do falante bilíngue, são elas: exposição simultânea ou sequencial a duas línguas, e o status minoritário ou majoritário dessas duas línguas. Essas duas variáveis servem para a análise do bilinguismo, pois envolvem duas línguas. Dessa forma, no mesmo trabalho (GENESE, PARADIS E CRAGO, 2004), os autores apenas expandem as duas variáveis, citadas anteriormente, para a ocorrência da aquisição/aprendizagem de uma ou mais L3 no contexto escolar para dar conta da análise do multilinguismo.

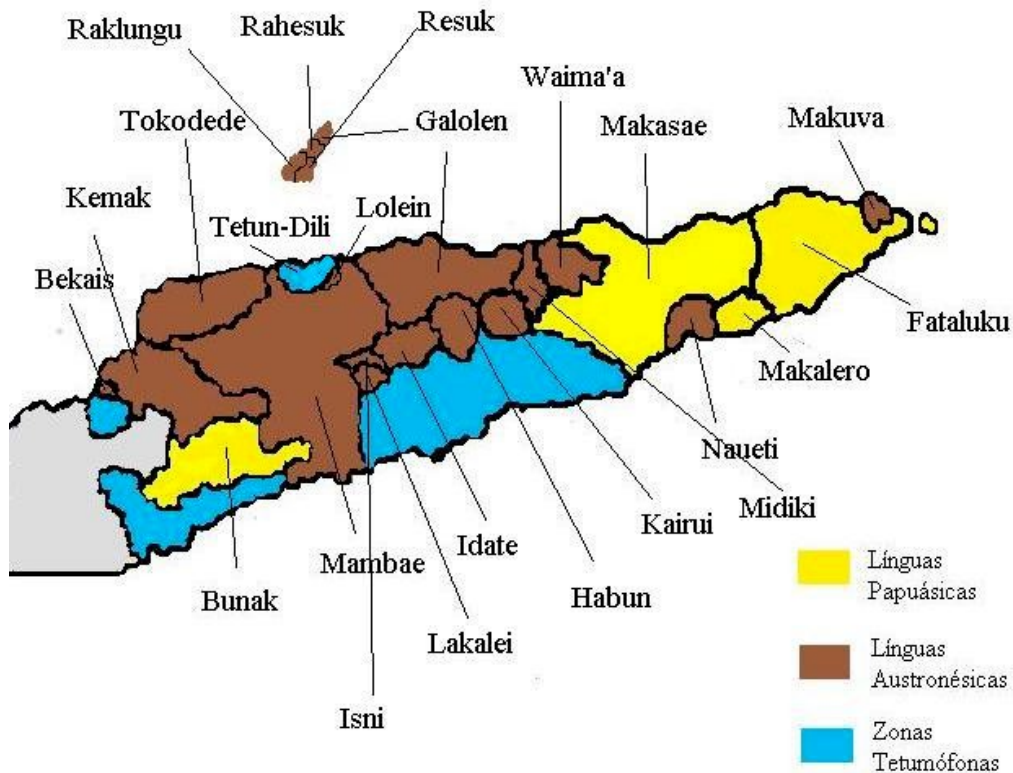
A exposição simultânea consiste na situação de o falante ter acesso a duas línguas diferentes ao mesmo tempo. Nesse caso, o contexto sociolinguístico prototípico consiste em o pai e a mãe falarem línguas distintas e a criança acaba por ser exposta a essas duas línguas e, ainda, tem a possibilidade de empregá-las sem restrições no ambiente familiar. A exposição sequencial consiste em a criança ter acesso a uma L1 no ambiente familiar e, logo em seguida, ter acesso a outra língua nos primeiros anos escolares e/ou nas primeiras interações sociais fora do âmbito familiar.

O status das línguas adquiridas pelo falante bilíngue/multilíngue é outra variável fundamental, pois a partir dela é possível analisar o grau de fluência, os contextos de escolha e uso de língua, assim como processos de perda ou ganho na fluência em uma das línguas adquiridas. No caso, a língua majoritária é aquela que goza de prestígio na sociedade, sendo língua oficial, língua de cultura, língua franca, língua de um grupo significativo e/ou dominante, entre outros, e por esse motivo o falante que a domina e a emprega nas diversas situações sociais gozará do prestígio que essa língua possui. Já as línguas minoritárias são línguas de pequenos grupos que possuem pouca representatividade no âmbito social, como língua de imigrantes, grupos etnolinguísticos nativos e/ou de número reduzido com pouca representatividade socioeconômica.

Retomando o que foi exposto acima, trabalharemos com o conceito de indivíduo bilíngue como o falante que possui um nível de proficiência em uma L2 para o uso com sucesso em situações comunicacionais básicas. Ainda, é fundamental para análise identificar quando o indivíduo adquiriu a L2 (criança ou adulto), como ele a adquiriu (informal ou formalmente; simultânea ou sequencialmente) e o status das línguas adquiridas (língua minoritária ou língua majoritária).

Antes de iniciar nossa análise do multilinguismo em Timor-Leste é preciso apresentar algumas informações básicas sobre a configuração linguística atual do país. Como afirmamos anteriormente, há 16 línguas nativas em Timor-Leste que estão distribuídas pelo território da seguinte maneira, de acordo com o mapa (1):

Mapa 1. Distribuição territorial das línguas leste-timorenses (Albuquerque, 2010b, p.28)



Conforme pode ser visto no mapa (1), as línguas de diferentes filiações genéticas (austronésias e papuásicas) estão espalhadas pelo território leste-timorense e, nas regiões apontadas, cada uma delas são adquiridas no ambiente familiar com os pais, ou seja, são adquiridas como L1. Porém, são vários os fatores que tornam Timor-Leste um local de grande interesse para futuras pesquisas sobre bilinguismo e multilinguismo.

O primeiro desses fatores que podemos citar é o status de língua franca que a variedade da língua Tetun, Tetun Prasa, possui entre os falantes das línguas apontadas no mapa anterior. O Tetun Prasa é falado por cerca de 18% (NATIONAL BOARD OF STATISTICS, 2006, p.2) da população como L1 somente na área marcada no mapa como *zonas tetumófonas*. A maioria da população do país, aproximadamente 82% (RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO DE TIMOR LESTE, 2002, p.3), fala o Tetun Prasa como L2, adquirindo-a após a L1. Ainda, as áreas marcadas no mapa (1) como zonas tetumófonas, mas que não correspondem ao Tetu Prasa, consistem

em áreas em que há falantes de Tetun L1, porém de outra variedade da língua Tetun, conhecida como Tetun Terik. As variedades Tetun Prasa e Tetun Terik são ininteligíveis, no caso dos falantes de Tetun Terik como L1, eles adquirem a outra variedade da mesma língua, o Tetun Prasa, como verdadeira L2.

Nossa pesquisa de campo sobre o multilinguismo em Timor-Leste ocorreu principalmente no distrito de Aileu, grande área central do mapa (1), falante da língua Manbae como L1. A situação prototípica encontrada nesse distrito, que pode ser aplicada a todo o país, foi a seguinte: os pais do indivíduo são falantes da mesma L1 (no caso do distrito observado a L1 é o Manbae) adquirida pela criança, em seguida, nas primeiras interações sociais o indivíduo adquire o Tetun Prasa como L2; nos anos escolares iniciais a criança reforça seu conhecimento do Tetun Prasa L2 e adquire o indonésio; finalmente, quando adolescente, ou adulto, o indivíduo aprende o português e/ou o inglês em níveis escolares mais altos e interagindo com o grande número de estrangeiros que residem no país, que dependendo do grau de estudo e interação do falante o português e/ou o inglês podem tornar-se L3.

Os indivíduos que vivem em áreas rurais podem apresentar a ausência de uma das fases mencionadas anteriormente, desviando-se do protótipo descrito acima, não tendo acesso a educação formal e não interagindo com estrangeiros lusófonos e anglófonos. Outro caso notável, encontrado na pesquisa de campo, que desvia do protótipo do indivíduo multilíngue leste-timorense, é o caso de os pais do indivíduo falarem línguas distintas. Nesse caso, uma série de outros fatores influencia o processo de aquisição de línguas por parte da criança, gerando a possibilidade de a criança adquirir somente uma das línguas dos pais, ou as duas, ou até nenhuma delas, adquirindo somente o Tetun Prasa. Encontramos dois casos distintos que serão narrados a seguir.

O primeiro caso foi a visita a um vilarejo na área de Hatudu, que fala a língua Bunak, ou seja, um enclave linguístico Bunak na área Manbae. Nessa vila, encontramos indivíduos que os pais eram falantes bilíngues, mas falantes de L1 distintas (Bunak-Tetun Prasa e Manbae-Tetun Prasa), ou pais multilíngues que falavam as línguas um do outro, porém com grau de fluência diferente, pois adquiriu a L3 depois de adulto, principalmente por causa do matrimônio (indivíduo 1: Bunak L1, Tetun Prasa L2 e Manbae L3; indivíduo 2: Manbae L1, Tetun Prasa L2 e Bunak L3)<sup>3</sup>. Nesse contexto sociolinguístico, observamos crianças que adquiriram o Bunak e o Manbae simultaneamente, assim como indivíduos que nos informaram que haviam adquirido simultaneamente o Bunak e o Manbae, porém devido a pressões sociais deixaram de usar o Bunak, mantendo somente o Manbae e adquirindo, posteriormente, o Tetun Prasa.

O segundo caso foi observado na dinâmica familiar do falante residente no Brasil. Nesse caso, ocorreu um casamento interétnico com o pai das crianças, falante de Manbae, casando-se com a mãe, falante de Makasae, e ambos vivendo fora do território

---

<sup>3</sup> Identificamos os falantes somente por *indivíduo 1* e *indivíduo 2* a título ilustrativo, pois a localidade de difícil acesso em que residiam nos impossibilitou de realizar visitas posteriores, assim como de contatá-los para pedir a permissão da divulgação de seus nomes. Dessa forma, para preservar os falantes que gentilmente nos receberam e forneceram informações linguísticas e sociolinguísticas, assim como outras informações necessárias a respeito de suas vidas e seus familiares, optamos pelo anonimato.

dominante das línguas, com o casal residindo na capital de Timor-Leste, Dili, e, posteriormente, na capital do Brasil, Brasília. Os filhos mais velhos do casal adquiriram o Tetun Prasa como L1 quando residiam em Dili, pois também é a mesma língua usada para a comunicação entre o casal. Os filhos mais novos do casal, que vieram para o Brasil ainda em fase de aquisição, também adquiriram o Tetun Prasa como L1, devido ao fato dessa língua ser usada em casa na comunicação familiar. Por causa da ausência de estímulo do indonésio no Brasil, os filhos do casal não adquiriram essa língua, e o português vem sendo adquirido em uma situação de bilinguismo sequencial escolar, ou seja, como uma língua que veio após a L1 e o estímulo, em sua maioria, vem de situações escolares.

### **O bilinguismo na sociedade: família, socialização e política**

Nesta seção, serão analisadas situações de bilinguismo em Timor-Leste no âmbito das diferentes interações sociais, e como essas interações afetam o falante bilíngue linguisticamente e extralinguisticamente. Para relizar essa análise, foram escolhidos três aspectos fundamentais, são eles: o bilinguismo familiar, a socialização linguística e, em relação à política, o status de língua minoritária e majoritária.

Para se analisar a situação do bilinguismo/multilinguismo no ambiente domiciliar leste-timorense optou-se por se fazer uso do recorte do ‘bilinguismo familiar’ (ing. *family bilingualism*), proposto por Lanza (1997, p.10), e da tipologia da escolha de línguas pela família proposta por Romaine (1995, p. 183). Segundo a autora, há seis tipos de situações em que diferentes línguas são usadas pelo pai e pela mãe para a comunicação com a criança:

- *Uma pessoa – uma língua*: os pais falam diferentes L1, possuem certo grau de fluência na língua do outro, a língua comunitária é variedade de um dos pais, e usam cada um sua respectiva língua para se comunicar com a criança;
- *Língua domiciliar não-dominante/ uma língua – um ambiente*: a mesma situação anterior, porém a língua usada é a língua não-comunitária;
- *Língua domiciliar não-dominante sem apoio comunitário*: os pais falam a mesma língua, mas não é a língua comunitária;
- *Língua domiciliar não-dominante dupla sem apoio comunitário*: os pais falam línguas diferentes e ambas não são a língua comunitária;
- *Pais não-nativos*: os pais falam a mesma língua, que é a língua comunitária, porém um dos pais se comunica com a criança usando uma língua distinta;

- *Línguas mistas*: os pais e a comunidade são bilíngues, e cada um deles usam as diferentes línguas para se comunicar com a criança.

A pesquisa *in loco* sobre o bilinguismo familiar em Timor-Leste possibilitou a verificação de todos os seis tipos de estratégias bilíngues citadas acima. A estratégia mais comum encontrada foi *uma pessoa – uma língua*, porém não apenas encontrou-se com frequência as outras estratégias, assim como verificou-se também a mudança de estratégias no decorrer do tempo dentro de uma mesma residência e o uso de mais de uma estratégia simultaneamente, sendo o emprego de mais de uma estratégia, fato comum na realidade leste-timorense. Ainda, conforme Lanza (2007, p.49) analisa, esse fato é comum em situações de bilinguismo, principalmente em relação à estratégia *línguas mistas*, que pode ser intercalada com as demais estratégias.

No estudo de caso, que será apresentado mais adiante, o falante estudado viveu no ambiente familiar em que ambos os pais possuíam como L1 a língua da comunidade (Manbae) e como L2 a língua majoritária oficial, o Tetun Prasa. A situação do multilinguismo familiar de sua casa é bem distinta atualmente, pois ele possui outras L3, a esposa possui L1 diferente, o Makasae, e possui somente a L2 Tetun Prasa em comum, sendo esta a língua usada para comunicação com os filhos do casal.

Sobre a socialização linguística, foi observado em Timor-Leste que há um conjunto de atitudes e ideologias quando a situação exige comunicação e escolhas linguísticas. As línguas nativas minoritárias, apontadas no mapa.1, são encaradas como símbolo de identidade de cada grupo etnolinguístico, não sendo adquiridas/aprendidas por outros grupos, assim como o emprego dessas línguas em situações mais formais é visto pela própria população como símbolo de ignorância e atraso, sendo constantemente rejeitado, ou gerando uma insegurança linguística no falante. A única língua nativa aceita por todos é o Tetun Prasa, que possui funções importantes a nível nacional, como a língua que unifica os diversos grupos e permite a comunicação entre eles, sendo usada como um símbolo de unificação nacional. Porém, ainda assim há uma parcela da população que encara de maneira pejorativa o uso das línguas nativas, empregando somente as línguas portuguesa e/ou inglesa como símbolo de status social elevado, modernidade e alta escolaridade. Em contrapartida, há também outra camada da população, que se utiliza do indonésio para tais funções.

Dessa maneira, tentou-se aqui expor sucintamente a complexa situação de socialização linguística em Timor-Leste, que requer análises futuras, pois análises de socialização linguística e a repercussão delas na escolha e uso das línguas por parte do falante fogem do escopo do presente artigo.

Em relação às línguas minoritárias e majoritárias em Timor-Leste, pode-se empregar para a análise a dicotomia do ‘bilinguismo popular’ (ing. *folk bilingualism*) e ‘bilinguismo elitista’ (ing. *elitist bilingualism*) (LANZA, 2007, p.46). O bilinguismo popular refere-se aos casos em que as línguas minoritárias não são reconhecidas na comunidade (como exemplo as línguas nativas e de imigrantes), enquanto o bilinguismo elitista consiste no caso em que o bilinguismo é reconhecido na comunidade (o caso prototípico é o do inglês e francês em Quebec).



Assim, é possível considerar que cada língua nativa de Timor-Leste possui um status parcial de bilinguismo elitista, pois cada língua é aceita somente dentro de sua respectiva comunidade, ou seja, em nosso estudo de caso a L1 é a língua Manbae, que é aceita apenas na comunidade constituída pelo grupo etnolinguístico Manbae, que fica na região central do mapa.1. Fora da comunidade, cada uma das línguas nativas assume um papel para o falante de bilinguismo popular, pois não são aceitas. O bilinguismo, ou multilinguismo elitista, ocorre somente com as línguas majoritárias de Timor-Leste, são elas: o português, o Tetun Prasa, o inglês e o indonésio.

### **Estudo de caso com um falante multilíngue**

O estudo de caso que será apresentado nesta seção foi realizado com o falante Sr. Domingos dos Santos, que possui a língua Manbae como L1, o Tetun Prasa como L2 e o indonésio como L3. Ainda, o falante, que se encontra em idade adulta, possui fluência em português também como L3, e aprendeu de maneira formal a língua inglesa. Ainda, o falante reside no Brasil, em Brasília, desde o início de 2009, e tem como maior grau de escolaridade o título de mestre.

A metodologia utilizada consistiu na coleta e análise de dados linguísticos. A coleta dos dados foi realizada em períodos distintos no decorrer do ano de 2010 e compõe-se do seguinte material:

- Uma série de questionários de natureza sociolinguística, elaborados pelo presente autor, para verificar o uso de línguas, como: língua(s) dos pais, língua(s) usada(s) em casa, na escola e nas demais interações sociais, línguas usadas e ensinadas na escola, e línguas usadas com a esposa e filhos; informações sociais: idade, escolaridade, lugares onde morou; entre outros;
- Textos escritos pelo falante em Manbae L1, Tetun Prasa L2 e português L3 que somam um total de aproximadamente 35.000 palavras para cada uma das línguas;
- Gravações de conversas de natureza informal sobre os mais diversos temas entre o falante e o presente autor, também nas três línguas que estão sendo analisadas, Manbae L1, Tetun Prasa L2 e português L3, que possuem cerca de 4h20min de duração.

A análise dos dados linguísticos coletados, conforme foi apresentado anteriormente, procurou verificar a interferência de uma língua na outra, nos diferentes níveis linguísticos, a saber: lexical, fonológico e morfossintático, assim como de quantificar as ocorrências de tais interferências para poder argumentar, com base nessas análises, a respeito da situação multilíngue do falante estudado.

Conforme foi apresentado anteriormente, a língua Manbae, que é a L1 do falante cuja produção será analisada aqui, é uma língua minoritária em Timor-Leste, juntamente com as outras línguas nativas, com exceção do Tetun Prasa que é a L2 do falante e possui o status de língua franca e oficial em Timor-Leste. Desta maneira, a L1 do falante é língua minoritária, enquanto a L2 e L3 são línguas majoritárias. Esse fator é importante para se entender a situação multilíngue que será analisada a seguir, iniciando no nível lexical, em seguida no fonológico e, posteriormente, no morfossintático.

Em relação à análise da ocorrência do léxico no falante multilíngue, alguns fenômenos interessantes foram observados. De acordo com um questionário sociolinguístico respondido pelo falante, sua L1 era usada somente no âmbito familiar, enquanto nas demais situações o falante teve que usar o Tetun Prasa L2. Posteriormente, quando adulto, o falante acabou por usar sua L1 raramente, pois ao constituir sua família teve que fazer uso somente do Tetun Prasa L2 com sua esposa (falante de outra língua) e filhos, e, ainda, continuou usando essa língua nas situações sociais. Essa situação gerou um processo de perda linguística (ing. *language attrition*), porém somente parcial.

Os exemplos abaixo apresentam alguns vocábulos do Manbae L1 (Mb L1) que foram esquecidos pelo falante, que acabou por substituí-los pelos equivalentes em Tetun Prasa L2 (TP L2), durante as entrevistas:

TABELA 1. Frequência dos itens lexicais da L2 na fala da L1

TP L2	Freq.	Mb L1	Freq.	Glossa
<i>nia</i>	81%	<i>ua</i>	19%	‘3ª sg’
<i>ema-boot</i>	76%	<i>ataub-tuun</i>	24%	‘pessoa importante’
<i>hela</i>	72%	<i>kdei</i>	28%	‘ficar, morar’
<i>hakerek</i>	59%	<i>akerək ~ hlai</i>	41%	‘escrever’
<i>hatama</i>	58%	<i>atama ~ paε</i>	42%	‘entrar’
<i>hakarak</i>	54%	<i>akararak</i>	46%	‘querer’
<i>hanoin</i>	52%	<i>anoin</i>	48%	‘pensar’

Na Tab.1, o caso mais notável foi do pronome *ua* ‘3ª sg’ que o falante esqueceu por completo e lembrou-se somente nas entrevistas finais, quando lhe foi apresentada uma gramática da língua Manbae, elaborada por Hull (2003). As demais formas usadas da L2, como *hakarak* ‘querer’ e *hanoin* ‘pensar’, ocorreram com menor frequência pelo fato dessas formas possuírem cognatos na L1 do falante.

Ainda, em relação aos lexemas apresentados na Tab.1, o falante ora desconhece, ora esquece alguns itens do léxico de sua L1 e o substitui pelo léxico do Tetun Prasa L2. O fenômeno de perda linguística já foi atestado na bibliografia em diversos casos, como exemplo, há o estudo de Wong Fillmore (1991), que analisou as crianças nas séries iniciais (ing. *preschool years*) em escolas norte-americanas que possuíam somente L1, que não era o inglês. A perda da L1/língua minoritária ocorre por uma série de fatores sociopsicológicos, na idade escolar da criança, o principal deles é o impacto negativo que o uso da L1/língua minoritária gera nas situações comunicacionais, assim a criança deixa de usá-la, causando a perda linguística. Esse foi o fenômeno mais interessante observado na análise, pois o falante tem como base de referência linguística sua L2, em todo tipo de situação multilíngue analisada. Em outras palavras, tanto na perda linguística parcial de sua L1, quanto nas estratégias de enriquecimento lexical do português L3, o falante recorreu sempre a L2.

Nos exemplos abaixo, estão listadas uma série de palavras que o falante não conhecia no português L3 e recorreu ao Tetun Prasa L2. Essas palavras não foram contabilizadas, pois o falante ao não as conhecer em L3, em nenhum momento chegou a usá-las:

#### 1. Lista de itens lexicais da L2 na fala do português L3:

*tais* ‘tecido de fabrico tradicional’; *liurai* ‘rei ou chefe do vilarejo’; *lulik* ‘objeto ou local sagrado para as religiões nativas’; *suko* ‘divisão territorial nativo, similar a aldeias’; *tua* ‘vinho de palmeira’; *tua-sabun* ‘tipo de vinho de palmeira incolor e com alta concentração de álcool’; *tua-mutin* ‘tipo de vinho de palmeira de cor branca e com baixa concentração de álcool’; *malae* ‘palavra pejorativa para estrangeiro, gringo’; *feto* ‘mulher’; *nonoi* ‘menina’; *osan* ‘dinheiro’; *kota* ‘bairro’.

Digno de nota, porém, é que o Tetun Prasa tem como seu repositório lexical a língua portuguesa, sendo elaborado um vocabulário de mais de 6.000 palavras (INSTITUTO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA, 2003) para o Tetun Prasa tendo a língua portuguesa como língua fonte. Dessa forma, a estratégia observada foi trazer elementos lusófonos do Tetun Prasa L2 para o português L3, que o falante tinha dúvidas em relação à existência desses lexemas em língua portuguesa.

Na fonologia, através da análise das gravações, percebeu-se que o falante tem como base sua L1, a língua Manbae, para a produção dos sons da fala do Tetun Prasa L2 e português L3. Essa característica da aquisição do multilinguismo sequencial observada, a L1 como base de fonemas, é comum, conforme foi estudado por Flege (1991, 1999) em seus trabalhos. Na Tab.2 abaixo estão exemplos da influência do sistema fonológico da L1 na realização da L2 pelo falante:

TABELA 2. Influência da fonologia da L1 na realização da L2

Tetun Prasa L1	Tetun Prasa L2	Fonemas	Glossa	Ocorrência
/i.da/	[i.ra]	d > r	‘um’	83%
/dau.‘da.uk/	[dau.‘d̥a.ukʷ]	d > d̥	‘ainda’	69%
/be.le/	[b̥e.l̥e]	e > ɛ	‘poder’	56%
/fo/	[fɔ]	o > ɔ	‘dar’	45%
/a.ban/	[a.βan]	b > β	‘amanhã’	42%
/fi.la/	[pʰi.la]	f > pʰ	‘voltar’	33%

Paradis (2007, p.25) afirma, com base em estudos realizados, que a distância entre o sistema fonológico da L1 e da L2 é um fator que influencia o grau de fluência adquirido por parte do falante multilíngue. Dessa forma, a L1 e a L2 do falante, por serem geneticamente próximas, possuem um sistema fonológico também próximo<sup>4</sup>, e as mudanças ocorridas na fala, apontadas na Tab.2, com menor frequência, como  $f > p^h$ , são influências exclusivas do Manbae L1, enquanto outras com maior ocorrência, como  $d > r$  e  $e > \epsilon$ , aparecem também na produção de falantes de Tetun Prasa como L1.

Assim, como foi apontado acima, os dados linguísticos obtidos, juntamente com os questionários sociolinguísticos aplicados, revelaram que o Manbae foi adquirido como L1, em um período posterior o Tetun Prasa foi adquirido como L2 e o português foi adquirido como L3 somente na fase adulta, enquanto L1 e L2 foram adquiridos pelo falante em seus anos iniciais de vida.

Ainda, o falante tem como base para a produção de sua fala o sistema fonológico do Manbae, que é próximo do Tetun Prasa. Esse sistema fonológico, porém, é muito diferente da língua portuguesa, sendo esse mais outro fator que influencia no domínio do português L3. Há uma série de segmentos da língua portuguesa que não existem na L1 do falante, são eles: as palatais /ʃ, ʎ, ɲ, ʒ/, a fricativa labiodental /v/ e a nasalização das vogais. A seguir encontram-se exemplos de como esses fonemas são realizados pelo falante:

2. /ʃ/ > [s]  
chegar [‘se.ga]; chá [sa]; bicho [‘bi.su]
3. /ʎ/ > [li]  
olho [‘o.liu]; espelho [es.‘pe.liu]
4. /ɲ/ > [n]  
vinho [‘bi.niu]; rascunho [ras.‘ku.niu]; bonitinho [bo.ni.‘ti.nu]
5. /ʒ/ > [z]  
já [za] ~ [dʒa]; vigésimo [bi.‘zɛ.zi.mu]; jeito [‘zeɪ.tu]

<sup>4</sup> Além da comparação entre os sistemas fonológicos, feita pelo presente autor, as diferenças entre ambos podem ser comprovadas ao se comparar as gramáticas existentes do Tetun Prasa: Albuquerque (2011), Hull e Eccles (2001) e Williams-van Klinken, Hajek e Nordlinger (2002), e do Manbae (Hull, 2003).

6. /v/ > [b]  
livro [‘li.bru]; ouvir [u.‘bi.i]
7. nasal >  $\emptyset$   
educação [e.du.ka‘sa.un]; ação [a.‘sa.un]; confissão [kon.fi‘sa.un]

Quanto à morfossintaxe, a maioria dos estudos sobre aquisição de bilinguismo tem se dedicado aos processos de aquisição de morfologia flexional. As línguas nativas de Timor-Leste em sua maioria apresentam pouca ou nenhuma morfologia flexional. Ainda, de acordo com a proposta de Hull (2001), Timor-Leste caracteriza-se como uma área linguística, ou seja, a maior parte das línguas compartilha uma série de traços comuns, entre eles a ausência de morfologia flexional.

Dessa forma, a ausência da realização de morfologia no português L3 do falante é influência da L1 e da L2. Assim como, outras realizações marcadas do português L3 são influências de traços tipológicos comuns tanto ao Manbae L1 quanto ao Tetun Prasa L2, como ausência de uso da morfologia flexional, e também do uso de conectivos, como preposição e conjunção, conforme pode ser visto nos exemplos abaixo que representam dados da produção oral e escrita do falante:

8. (...) escolheu a língua portuguesa e tetum como a língua oficial de Timor-Leste.
9. O país que ocupa Timor-Leste é o país japonês, mas a língua portuguesa sempre usa para comunica com o outro país.
10. É oito país é que sabe falar a língua portuguesa ou não?
11. (...) podemos dar para os estudantes de timorenses (...)
12. Eu também gosto muito fala a língua portuguesa (...)
13. Em 1975 os muitos timorenses que saberam falar a língua portuguesa (...)
14. O parlamento nacional toma uma decisão primeira vez para fizeram uma lei sobre a língua (...)
15. Timor-Leste é que alguns sabe fala antes da chegada do português.

A análise dos dados linguísticos revelou também a influência da L2 na realização sintática da L1. Assim, certas categorias gramaticais marcadas somente em Tetun Prasa L2 foram transferidas e realizadas para o Manbae L1, como a marcação de plural (16-17), que em Tetun Prasa é feita por *sira* (Mb. *ser* ~ *sir*), e de posse (18-19), que em Tetun Prasa é feita por =*nia* (Mb. =*ni*):

16. mestri ga babar tel iskolanti (ser) man pada<sup>5</sup>  
 professor DEF mandar PERF estudante PL para casa  
 ‘O professor mandou os estudantes para casa.’

17. lçba man (ser) balikan istuda  
 criança MSC PL não.quer estudar  
 ‘Os meninos não querem estudar.’

18. au(=ni) ama ne ruif id laç aus  
 1sg=POS pai dar osso IND para cão  
 ‘Meu pai deu um osso ao cachorro.’

19. leb kdei nei-ga it(=ni) sos  
 poder deixar LOC-este 2sg=POS compra  
 ‘Pode deixar aqui suas compras.’

Dessa maneira, podemos afirmar que a L2 do falante parece ser dominante para a transferência dos traços tipológicos tanto para a L1 e quanto para a L3, assim como revelou a análise do léxico. O único sistema da L1 que parece fixo para o falante, e ele o usa como base para as demais línguas, foi a aquisição e a manutenção do sistema fonológico.

### Considerações finais

Como este trabalho é uma contribuição introdutória e original, não existindo nenhum tipo de pesquisa e/ou materiais sobre o bilinguismo/multilinguismo em Timor-Leste, abre espaço para estudos futuros que possam descrever diversas situações de multilinguismo existentes em território leste-timorense e responder a muitas perguntas que ficaram por ser respondidas, entre elas: qual o exato papel do indonésio (não analisado neste trabalho) na formação do falante multilíngue? Há diferenças estruturais

<sup>5</sup> Abreviações utilizadas: 1sg ‘1ª pessoa do singular’, 2sg ‘2ª pessoa do singular’, DEF ‘definido’, IND ‘indefinido’, LOC ‘locativo’, MSC ‘masculino’, PERF ‘perfectivo’, PL ‘plural’, POS ‘possessivo’.

específicas no bilinguismo simultâneo e sequencial em Timor-Leste? A L1 é sempre a base para aquisição do sistema fonológico das demais línguas? Qual a língua fonte para falantes multilíngues das zonas rurais que não falam o Tetun Prasa? Há propriedades morfossintáticas específicas constantes que são transferidas de uma língua para outra?

No presente artigo foi analisada, de uma maneira geral, a situação do multilinguismo em Timor-Leste, enfatizando aspectos da aquisição e da socialização linguística. A situação prototípica da aquisição de bilinguismo/multilinguismo pelo falante leste-timorense consiste na aquisição de uma L1 minoritária e, posteriormente, na aquisição da L2 majoritária, Tetun Prasa, e de sucessivas L3 majoritárias na idade adolescente ou adulta. Ainda, mesmo com o status de línguas majoritárias e gozando de alto prestígio social, o português e o inglês revelaram-se como línguas pouco, ou não, usadas pelo falante nas mais diversas situações de interações sociais. Esse papel é desempenhado somente pelo Tetun Prasa como L2.

Ainda, foi realizado um estudo de caso com um falante nativo leste-timorense multilíngue. O estudo de caso procurou identificar o grau de interferência de uma língua na outra e quantificar as ocorrências das interferências. O estudo revelou que a falta de uso da L1 gerou uma perda linguística parcial dela, enquanto a L2 serve como base para aquisição e uso do léxico e das propriedades morfossintáticas, enquanto a L1 provou ter papel fundamental na aquisição do sistema fonológico das demais línguas.

Assim, tendo-se como ponto de partida alguns fatos importantes que a análise aqui apresentada forneceu, será possível, em trabalhos futuros, elaborar outras contribuições que procurem responder às várias perguntas que não foram respondidas aqui.

## Referências

ALBUQUERQUE, Davi B. Pré-história, história e contato lingüístico em Timor Leste. *Domínios de Lingu@agem*, v.6, n.2, p.75-93, 2009.

\_\_\_\_\_. As línguas de Timor Leste: perspectivas e prospectivas. *Revista Língua e Literatura (USP)*, v. 27, p. 313-335, 2010a.

\_\_\_\_\_. Elementos para o estudo da ecolinguística de Timor Leste. *Domínios de Lingu@agem*, v.7, n.1, p.21-36, 2010b.

\_\_\_\_\_. *Esboço gramatical do Tetun Prasa: língua oficial de Timor-Leste*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília. 2011.

COOK, Vivian. Background to the L2 user. In: COOK, Vivian. (ed.). *Portraits of the L2 User*. Clevedon: Multilingual Matters, 2002. p.1-28.

\_\_\_\_\_. Introduction: The changing L1 in the L2 user's mind. In: COOK, Vivian (ed.). *Effects of Second Language on the First*. Clevedon: Multilingual Matters, 2003. p.1-18.  
DEWAELE, Jean-Marc. *Becoming bi- or multilingual later in life*. In: AUER, Peter e WEI, Li (eds.). *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2007. p.101-130.

FLEGE, James. Age of learning affects the authenticity of voice-onset time (VOT) in stop consonants produced in a second language. *Journal of the Acoustical Society of America*, v.89, p.395-411, 1991.

\_\_\_\_\_. Age of learning and second language speech. In: BIRDSONG, David (ed.). *Second Language Acquisition and the Critical Period Hypothesis*. Mahwah: Lawrence Erlbaum, 1999. p.101-132.

FOX, James J. Tracing the path, recounting the path: historical perspectives on Timor. In: FOX, James J e SOARES, Dionísio B. (eds.). *Out of the ashes: destruction and reconstruction of East Timor*. Hindmarsh: Crawford House Publishing, 2000. p. 1-27.

GENESE, Fred, PARADIS, Johanne e CRAGO, Martha. *Dual Language Development and Disorders: A Handbook on Bilingualism and Second Language Learning*. Baltimore: Brookes, 2004.

HAJEK, John. Language planning and the sociolinguistic environment of East Timor: colonial practices and changing language ecologies. *Current Issues in Language Planning*, v. 1, p. 400-413, 2000.

HULL, Geoffrey. A Morphological Overview of the Timoric Sprachbund. *Studies in Language and Culture of East Timor*, vol. 4, p.98-205, 2001.

\_\_\_\_\_. *Southern Mambai*. Dili: Instituto Nacional de Linguística/ Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003.

HULL, Geoffrey e ECCLES, Lance. *Tetum Reference Grammar*. Sydney/Dili: Sebastião Aparício da Silva Project/Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional de Timor Lorosa'e, 2001.

INSTITUTO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA (INL). *Matadalan Ortográfiku ba Tetun-Prasa*. Dili: Instituto Nacional de Linguística/Universidade Nacional Timor Lorosa'e, 2003.

KLEIN, Wolfgang e PERDUE, Clive. The Basic Variety. *Second Language Research*, v. 13, n. 4, p.301-347, 1997.

LANZA, Elizabeth. Multilingualism and the family. In: AUER, Peter e WEI, Li (eds.). *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*. Berlin/Nova York: Mouton de Gruyter, 2007. p.45-67.

\_\_\_\_\_. *Language Mixing in Infant Bilingualism: A Sociolinguistic Perspective*. Oxford: Oxford University Press, 1997.



LEWIS, Paul. (ed.). *Ethnologue: Languages of the World*. 16a edição. Dallas: SIL International, 2009.

NATIONAL BOARD OF STATISTICS. *Timor-leste census of population and housing 2004*. Priority Tables Editions: National Board of Statistics and the United Nation Fund for Population, 2006.

PARADIS, Johanne. Early bilingual and multilingual acquisition. In: AUER, Peter e WEI, Li (eds.). *Handbook of Multilingualism and Multilingual Communication*. Berlim/Nova York: Mouton de Gruyter, 2007. p.15-44.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. *Relatório do Desenvolvimento Humano de Timor Leste*. Dili: UN Agency House, 2002.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. Oxford: Blackwell, 1995.

TAYLOR-LEECH, Kerry. The ecology of language planning in Timor-Leste. *Development Bulletin*, n 63, p. 116-120, 2005.

\_\_\_\_\_. The ecology of language reform in Timor-Leste: A language rights perspective. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, v. 7, p.13-35, 2006.

\_\_\_\_\_. Language and identity in East Timor: The discourses of nation building. *Language problems and language planning*, v. 32, p.153-180, 2008.

\_\_\_\_\_. The language situation in Timor-Leste. *Current issues in language planning*, v.10, n.1, p.1-68, 2009.

THOMAZ, Luis Filipe. *Babel Loro Sa'e: o problema linguístico de Timor Leste*. Lisboa: Instituto Camões, 2002.

WENDEL, John N. Notes on the Ecology of Language. *Bunkyo Gakuin University Academic Journal*, n. 5, p. 51-76, 2005.

WILLIAMS-VAN KLINKEN, Catharina, HAJEK, John e NORDLINGER, Rachel. *Tetun Dili: A grammar of an East Timorese language*. Canberra: Pacific Linguistics, 2002.

WONG FILLMORE, Lily. When learning a second language means losing the first. *Early Childhood Research Quarterly*, v. 6, p. 323-346, 1991.